

Versão s.l., Algarve, recolhida antes de 1860.  
Publicada por VEIGA (1870) pp. 55-57, com o título "Dom Joaquim".

2 Sua Alteza, que Deus guarde, aviso ao mar mandaria:  
que se aparelhasse a armada para largar no outro dia.  
A armada se aparelhara com extrema galhardia.  
4 Meia noite, que era em ponto, dom Joaquim já não dormia.  
Mal o sol vinha raiando, tudo já manobrarria:  
6 tirara peças de leva em sinal de que saía.  
Saindo de barra em fora, quando já terra não via,  
8 forte armada avista ao longe, que em todo o mar se estendia.  
Uma à outra se chegara pelo pino do meio dia,  
10 a batalhar se puseram cada qual com mais porfia:  
a salva que o perro dava, tudo era mosqueteria.  
12 Muito tempo já durava, nem um nem outro vencia,  
dom Joaquim quase perdido sem saber o que faria,  
14 a um Santo Cristo abraçado, da popa à proa dizia:  
— Deus do céu, que me estais vendo, filho da Virgem Maria;  
16 não permitais, Deus bendito, que vamos dar à Turquia!  
Palavras não eram ditas, sua voz o céu ouvia,  
18 pois passado pouco tempo o rei moiro se perdia.  
As galés que ele trouvera todas lo mar engolia.  
20 De quatrocentas e oitenta uma só lhe escaparia,  
essa co' o leme quebrado, e a popa em grande avaria,  
22 com a bandeira de rastos em desprezo da Turquia.  
— Que nobre armada era aquela, que tão briosa vencia?  
24 — Comandava-a dom Joaquim, mais valente não a havia.  
Já voltava às suas praias com soberba galhardia.  
26 O perro moiro vencido com muita mágoa dizia:  
— Não se me dá das galeras, nem do que nelas havia,  
28 dá-se-me da minha gente, que era la flor de Turquia  
e mais de uma filha moça que era a estrela domeu dia!

Variantes do texto editado em OLIVEIRA (1905) a pp.416-418: 13a.omite quase;  
28b.da Turquia.